



## **GRUPOS CRIATIVOS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ARTESANATO DA COMUNIDADE ARTESÃ DE PORTO DE SAUÍPE-BA**

**Clovis dos Santos Dias Filho<sup>1</sup>**

**Gilcélia das Mercês Oliveira<sup>2</sup>**

As expressões culturais têm sido utilizadas por inúmeras nações como recurso para o desenvolvimento econômico e social, contudo ao mesmo tempo em que se busca valorizá-las como atividade mercantil defronta-se com a missão de encontrar mecanismos que as tornem auto-sustentável. Tendo essa questão como referencial, pesquisamos a produção artesanal de Porto de Sauípe situada no litoral norte da Bahia, uma vez que sofreu recentemente a intervenção de agentes externos por meio do Projeto Talentos do Brasil de iniciativa do Ministério de Desenvolvimento Agrário em parceria com o Sebrae.

Palavras Chaves – Cultura, Artesanato, Design, Criatividade e Sustentabilidade

### **INTRODUÇÃO**

A cultura popular, por emergir das relações sociais, não é algo imutável, nem tampouco engessado no passado. Entendê-la mediante esse prisma se faz imprescindível para percebermos o seu potencial como fonte geradora de ativos econômicos. Se, por um lado, é um desafio manipular - lá como vetor de desenvolvimento, por outro empreender esforços no sentido de concretizar tal empreitada é uma alternativa importante para o progresso material e melhoria da qualidade de vida das pessoas pertencentes às localidades com tradição em produzir bens e serviços simbólicos.

O artesanato, por interagir com as múltiplas formas de representações culturais, se apresenta como um objeto de estudo oportuno para percebermos alguns aspectos conceituais da combinação entre a dimensão simbólica e a motivação econômica, intrínsecas a tal prática, que ainda não estão perfeitamente resolvidos. Confeccionando um artefato, os artesãos não apenas reforça a tradição de sua comunidade, como também assume a condição de mola propulsora da economia local.

---

<sup>1</sup> Designer, aluno regular da Pós-graduação Cultura e Sociedade, professor de Artes Visuais da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. claricefd@terra.com.br

<sup>2</sup> Professora da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. claricefd@terra.com.br

O ininterrupto processo de atribuição e apropriação de sentidos imanentes ao artesanato o apresenta a partir de duas óticas: como uma peça que se notabiliza por conservar simbolicamente a assinatura de um autor denotando ser a prova material do ato criativo<sup>3</sup>; um artefato que atende a reivindicação mercadológica em consumir produtos voltados para a relação de natureza e lugar, isto é, de contextos socioculturais e naturais<sup>4</sup>.

Com isso, nos reportamos às características físicas do objeto (tipo de material, composição dos elementos plásticos visuais, desenhos etc.) e as imateriais, por meio da representação de identidades, que são construídas continuamente como algo inacabado, porque, segundo Hall (2005, p. 71), "Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico".

Ao produzir o artesanato o artesão está, mesmo inconscientemente, rememorando a sua prática material mediante a recriação simbólica de suas relações sociais. Já o consumidor, quando compra uma peça de artesanato, interage com o tempo e o lugar, porque a fruição estética e o uso prático dele permitem-lhe vivenciar a lógica cultural de uma localidade cujos costumes, muitas vezes, se distinguem dos seus e por causa disso reinventa o objeto dando-lhes novas conotações (re-significação).

A sujeição histórica desse setor produtivo ao ciclo completo do capital falseia a idéia de tê-lo como um artefato "original", surgido de uma prática autóctone, dissociado de hábitos urbanos, que deve ser preservado, ao máximo, das influências universalistas do mercado. Isso também não quer dizer que a produção artesanal deva se modernizar transformando-se em uma espécie de "industrianato"<sup>5</sup>.

Ora, os artesãos são cidadãos inseridos em uma sociedade capitalista que, mesmo sendo de forma desigual (pertencem na sua maioria às classes desfavorecidas financeiramente) se apropriam dos bens econômicos e culturais provenientes desse sistema. Assim, as inovações incorporadas aos artesanatos os fazem acompanhar os tempos, porque a cultura é dinâmica e algumas de suas manifestações se mantêm presentes na medida em que conseguem renovar-se. Lembremo-nos das palavras de Giddens (1991, p. 31): "A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes".

---

<sup>3</sup> Baudrillard (2000).

<sup>4</sup> Arantes (2004).

<sup>5</sup> Produção maximizada utilizando fôrmas e máquinas na fabricação do artefato.

A absorção de conceitos estéticos e funcionais do design, por exemplo, na produção de artesanato não a invalida como expressão simbólica (analgica e sensitiva<sup>6</sup>), muito pelo contrário, a complementa. E nem tampouco a desqualifica como uma atividade situada no âmbito das culturas populares, desde que a interferência instigue o artesão a suscitar sua prática cultural recriando-a.

O resultado da combinação entre o *design* e o artesanato está na forma como os dois processos se entrelaçam mediante o nível de participação dos atores dessa ação (artesãos e designers), ou seja, quem será o coadjuvante e o protagonista que produzirão novas identificações. Mantêm-se as características próprias da prática artesã, desde que os conceitos do *design* não se sobreponham aos saberes procedentes do processo produtivo “autóctone”. É como afirma Alfredo Bosi (1989, p. 11): “Sempre que uma inovação penetra a cultura popular, ela vem de algum modo traduzida e transposta para velhos padrões de percepção e sentimentos já interiorizados e tornados como que uma segunda natureza”.

### **DESIGN, ARTESANATO E SUSTENTABILIDADE**

O povoado de Porto de Sauípe localiza-se ao sul do município de Entre Rios, no Litoral Norte da Bahia, batizado de Costa dos Coqueiros. O seu acesso pode ser através da BR – 101 (distância de Salvador: aproximadamente 104 km) ou pela BA – 099/Linha Verde (corresponde a 81 km da capital baiana).

A sua população é aproximadamente de 4.241 habitantes<sup>7</sup>, isso por causa da instalação recente do complexo turístico-hoteleiro Costa do Sauípe (concebido em 1993), que impulsionou o mercado local, atraindo pessoas de localidades diversas em busca de emprego. O centro da vila está a 4 km da pista principal, ou seja, BA – 099/Linha Verde. A beleza natural exuberante do local é contrastada com a infraestrutura precária, mesmo havendo melhorias com a intensificação do turismo na região.

Embora seja reconhecido por possibilitar momentos de deleite pela confluência de suas praias com o rio que leva o seu nome (rio Sauípe), Porto de Sauípe se destaca pela produção de artesanatos<sup>8</sup> em palha de piaçava (*Attalea funifera*)<sup>9</sup>. Na realidade, são

---

<sup>6</sup>Barthes (1992)

<sup>7</sup> “As estatísticas populacionais de Porto de Sauípe são precisas, porquanto foi concluído um censo demográfico em outubro de 2004, encomendado pela gestão do Complexo Turístico Costa do Sauípe” (SASAKI, 2006, p. 157).

<sup>8</sup> O trançado, característica principal desse tipo de artesanato, originou-se da cultura indígena. “A grande tradição artesanal que nossos índios nos legaram, o trançado ou arte de trançar fibras vegetais, é conhecida e praticada em todo o Brasil” (FUNARTE).

numerosas famílias que têm o artesanato como uma maneira de complementar a sua renda, sobretudo no inverno, quando as atividades pesqueiras e rurais são prejudicadas pelas chuvas. Sendo assim, confeccionam bolsas, esteiras e cestos, dentre outros artefatos. Tal produção se caracteriza como tradicional na medida em que sua técnica de fabricação é transmitida de geração a geração, servindo tanto de meio econômico como também de expressão do universo simbólico local. É oportuno ressaltar que essa prática é desempenhada predominantemente por mulheres da comunidade

De acordo com as artesãs, anteriormente a produção de artesanatos estava apenas voltada para a fabricação de chapéus, que eram vendidos juntamente com os cocos nas feiras situadas nos lugarejos próximos (Pojuca, Subaúma e Praia do Forte), além dos municípios de Alagoinhas e Salvador. Nesse último, eram comercializados em menor escala no Mercado Modelo. No decorrer do tempo, com o crescimento do turismo, os chapéus artesanais ganharam novos modelos ao mesmo tempo em que foram confeccionados outros produtos. As cores variavam entre vermelho, amarelo e preto, obtidos dos recursos naturais da localidade.

Como qualquer outra forma de construção, a produção de artesanato acontece por etapas, sendo elas: coleta, cozimento, riscagem, tingimento, trançado e costura. Essas práticas são realizadas de forma coletiva, isto é, as artesãs enquanto desenvolvem as tarefas mantêm-se conversando prazerosamente.

O Sebrae em parceria com o Ministério de Desenvolvimento Agrário, através do Projeto Talentos<sup>10</sup> do Brasil, empreendeu uma série de intervenções nos artesanatos da região, tendo o *design* como instrumento estratégico capaz de facilitar a comunicação entre os imperativos do mercado e a produção artesanal nas comunidades para conceber dessa maneira produtos mais comerciáveis<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> “Uma espécie de palmeira muito abundante no Litoral da Bahia, a partir de cujo tronco extrai-se o palmito, e de cujas fibras podem-se confeccionar coberturas de casas, utensílios domésticos, além de servir de matéria-prima para as tranças do artesanato local” (SASAKI, 2003, p. 618).

<sup>10</sup>“Atualmente, o ‘Talentos do Brasil’ é composto por nove estados (Minas Gerais, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Bahia, Paraíba, Piauí, Pará e Amazonas), que desenvolveram 14 coleções de produtos em 12 grupos de artesãos, atingindo mais de 2.000 artífices em mais de 40 municípios do Brasil, recebendo treinamentos e consultorias nas áreas de gestão, *design* e mercado” (<<http://www.governofederal.org.br>>)

<sup>11</sup>“Um dos objetivos do Sebrae na região, além de ampliar o acesso das comunidades ao mercado, é intervir para que elas se tornem auto-sustentáveis e possam descobrir suas próprias vocações; e o artesanato é um dos elementos construtivos deste processo, pois gera ocupação e renda para famílias que antes dependiam apenas da pesca e da agricultura e que agora têm um novo promissor horizonte pela frente” (SEBRAE, 2006, p. 1).

A interferência coube a especialistas do ramo de *design*, gestão e marketing sob a coordenação do designer de moda Renato Imbroisi<sup>12</sup>, o qual batizou a iniciativa de projeto “Cá e Lá” numa alusão à similaridade entre as técnicas de confecção do artesanato produzido no Litoral Norte da Bahia e em Moçambique.

As artesãs aprenderam como padronizar as dimensões das peças e adequar os elementos plásticos visuais, deixando-os com tons das cores, texturas, formas, volume e peso iguais para todos os artefatos produzidos independentemente da origem. As produções das comunidades locais foram estrategicamente divididas por nichos de mercado, ou melhor, cada grupo de artesãos responde por um *mix* de produto, fazendo com que a competitividade entre elas diminua, haja vista que anteriormente todas as associações produziam e vendiam os mesmos produtos. Quanto aos aspectos inerentes aos parâmetros do *design* (valor de uso prático, estético e simbólico), as peças tornaram-se mais funcionais, haja vista que foram incorporados novos materiais como o couro para deixá-las mais seguras e resistentes. Outra contribuição notável foi o redirecionamento das características utilitárias de algumas peças, além do incremento de ornamentações.

O artesanato de Porto de Sauípe deixa de ser fruto de uma atividade “espontânea” e “lúdica” para se transformar em um negócio e, como tal, deve se submeter à lógica do mercado, que, imerso nos valores determinados pela moda, exige a atualização constante dos produtos. Assim, foi elaborado um catálogo com fotografias de peças artesanais construídas pelas artesãs de Porto de Sauípe atribuindo-lhe um caráter “exótico”.

Se antes a produção era descentralizada, ou melhor, as artesãs faziam seus artesanatos em casa, hoje vão até a sede da associação para costurar as peças, pois lá deverão utilizar as máquinas de costura. Apesar dessa rápida transformação na produção artesanal supracitada, a intermediação por meio de atravessadores ainda consiste em uma realidade para as artesãs, que vêem as suas peças serem revendidas nas lojas de grife por um preço altíssimo, ou seja, três ou quatro vezes mais que os praticados por elas.

## UM MOMENTO DE REFLEXÃO

---

<sup>12</sup>O designer de modas e consultor Renato Imbroisi desenvolve pesquisa, criação e produção de peças junto a grupos de artesãos da área têxtil em diferentes pontos do Brasil há 26 anos, tendo ministrado palestras e realizado exposições em diversas partes do Brasil e no exterior.

A experiência em Porto de Sauípe nos serviu de objeto para análise de alguns fatores de modo a contrastá-los com pontos associados à sustentabilidade. Para isso, evocamos Arantes (2004) como referencial de algumas observações.

Segundo o autor supracitado a sustentabilidade de arranjos produtivos – artesanatos - requer atenção para características essenciais que estão relacionadas aos produtos culturais; as culturas e populações locais; aos programas de cultura e desenvolvimento.

As premissas associadas aos produtos culturais são:

- singularidade - a ênfase está na criação de produtos com diferenciais enraizados nas culturas locais e reconhecidos tanto pelos próprios produtores como externamente; “[...] combatendo-se a produção de contrafações e a indução de identidades de vitrines” (ARANTES, 2004, p. 124). Quanto a essa idéia, percebemos que agregar valor mercantil aos artesanatos de Porto de Sauípe, associando-os ao nome e prestígio profissional do *designer* no campo da moda nos parece uma estratégia inadequada, porque se privilegia o objeto em detrimento da valorização de quem o fez;

- rastreabilidade - a salvaguarda do vínculo entre produtos, produtores e territórios, para proporcionar o contato do consumidor com o ambiente onde o artesanato foi produzido, bem como a lógica cultural que lhe deu origem. Vale salientar que todos os produtos artesanais da coleção Cá e Lá têm etiquetas de especificação do material e dos produtores, contudo não foi o bastante para evitar a sua descontextualização no evento de moda em São Paulo, pois os consumidores o enxergavam como um artefato fruto da interferência de um designer de moda e por isso deveriam comprá-los;

- qualidade - “o desenvolvimento das condições materiais e técnicas de produção, bem como a requalificação dos produtos, que forem gerados para consumo externo, deve respeitar a disposição cultural dos produtos e sua organização social”. Nós colhemos informações de que na oficina de criação, sob coordenação do designer, não houve nenhuma imposição para a criação de novos modelos de peças artesanais, pois ele preferiu ter como ponto de partida de sua interferência a criatividade das artesãs de Porto de Sauípe.

Os princípios ligados às culturas e populações locais chamam-se:

- Reprodutibilidade - “A recuperação, identificação e a documentação de formas de expressão, modos de fazer e dos lugares, se realizadas com a participação produtora, podem contribuir para que as ações planejadas atendam às suas expectativas

e necessidades [...]” (ARANTES, 2004, p. 125). O estímulo à transmissão dos saberes através de sua valorização para os mais jovens, os quais devem sentir-se motivados a aprender o ofício, consiste em um fator crucial para a continuidade da prática selecionada para compor os arranjos produtivos locais. Embora o designer tenha incentivado a volta da prática tradicional de tranças finas, que estava se perdendo entre as artesãs, a tradição do artesanato sauiupiense está com os dias contados, caso intervenções como estas não venham conjugadas com iniciativas que envolvam novamente os jovens nesse ofício. Hoje, nessa comunidade, o desinteresse dos mais moços em confeccionar o artesanato é um grave problema enfrentado pelas artesãs, que vêem sua prática cultural por terminar.

- inclusão social do produto – “sem a salvaguarda da condição dos produtores enquanto protagonistas dos empreendimentos – em termos gerenciais (na execução) e políticos (na tomada de decisões) – será problemático motivá-los a aderirem ao programa” (ARANTES, 2004, p. 125). De acordo com as artesãs entrevistadas, todas as atitudes referentes aos seus artesanatos por parte dos designers tinham que ser previamente aprovadas e acordadas através do diálogo. É preciso ter a mentalidade de que as inovações na gerência, no processo e no produto, trazidas por agentes externos à produção de artesanatos de comunidades tradicionais, devem se submeter à lógica cultural do lugar, sendo, inclusive, controladas por decisões unicamente dos artesãos, que são os sujeitos ativos do processo de intervenção, escolhendo o que é melhor para si. Além disso, o acesso à cidadania e o reconhecimento do direito de propriedade intelectual das expressões, constituem condição primordial.

O preceito atrelado aos programas é:

- Sinergia – “A articulação dos arranjos produtivos com outros empreendimentos e programas sociais em curso no território pode potencializar as oportunidades e benefícios oferecidos” (ARANTES, 2004, p. 126). No projeto Cá e Lá existiu uma divisão de responsabilidades entre atores diferentes (Sebrae e Ministério do Desenvolvimento Agrário), contudo essa união só cuidou da vertente econômica do artesanato, ou melhor, produção, circulação e consumo do produto. O ideal seria que houvesse o engajamento de mais instituições (Prefeitura de Entre Rios, Governo do Estado e Complexo Hoteleiro Costa do Sauípe), formando assim uma sinergia em torno dos aspectos culturais e sociais que influenciam as artesãs e suas práticas;

Os projetos de “revitalização” de artesanatos por meio do processo de *design* podem até resolver problemas iminentes relacionados à produção como, por exemplo,

deixar o objeto sem disfunções, mas não assegura a sustentabilidade do trabalho das artesãs.

A interface com diversos mercados (decoração, turismo, vestuário etc.) faz desse artesanato alvo de interferências externas, cujas motivações variam na mesma proporção das metodologias de abordagem. Normalmente, essas interferências priorizam a valorização mercantil dos artefatos visando, dentre outros interesses, gerar mais emprego e renda.

## **CONCLUSÃO**

A prerrogativa do trabalho do artesão de Porto de Sauípe reside na sua capacidade de participar livremente de todas as etapas da fabricação do artefato, aliando competências e habilidades, ou seja, o propor e o fazer. Sendo assim, o importante é incentivá-lo de modo crítico a encontrar as soluções para os possíveis problemas, que poderão surgir com a sua submissão completa à lógica mercantilista.

A valorização do artesanato não depende apenas de sua modificação estético-formal, pois o desenvolvimento sustentável requer o somatório de diversos fatores e o uso de conceitos inerentes ao campo do *design* é apenas um deles ainda mais quando se trata de uma produção inscrita em uma dualidade, ou seja, entre o universo imaginário e a racionalidade econômica.

O âmago da questão está no uso transversal da cultura, isto é, como diria Canclini (1983) na operacionalização harmônica dos aspectos simbólicos, sociais e econômicos imanentes à atividade. Do contrario, teremos intervenções pontuais que se por um lado eleva o artesanato a um produto que corresponde à expectativa do mercado, por outro não reduz o estado de pobreza do seu criador.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARANTES, A.A. Cultura e territorialidade em políticas sociais. In: LAGES, Vinícius *et al.*: (Org). **Território em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília DF: SEBRAE, 2004.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000

BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática. 1989.

BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática. 1989.

DE MASI, D. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Sao Paulo: Unesp, 1991. 177 p.
- HOBSBAWN, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, E; RANGER, T. (Orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9–23.
- MAGALHÃES, A. **E triunfo?:** a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- MORAES, D. de. Manifesto da razão local: a multiculturalidade como novo cenário para o design. In: BRAGA, C.; MORELLI, G.; LAGES, V. N. (Orgs). **Território em movimento:** cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília, DF: Sebrae, 2004.
- PROGRAMA SEBRAE DE ARTESANATO. **Catálogo da coleção Cá e Lá**. Salvador: Sebrae/BA, 2006.
- SASAKI, K. **Turismo e sustentabilidade:** a experiência do artesanato de palha de Porto do Sauípe - Ba. Salvador: Sathyarte, 2006.